

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

MANOEL MESSIAS DA SILVA
MARCOS ANTONIO FERREIRA

A EFICÁCIA DAS DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS E ANDRAGÓGICAS APLICADAS NO
ENSINO SUPERIOR

ANÁPOLIS, GOIÁS

2015

MANOEL MESSIAS DA SILVA
MARCOS ANTONIO FERREIRA

A EFICÁCIA DAS DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS E ANDRAGÓGICAS APLICADAS NO
ENSINO SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação da Faculdade Católica de
Anápolis para obtenção do título de Especialista
em Docência Universitária sob orientação da
Prof.^a Ma. Janaina T. Silva de Oliveira.

ANÁPOLIS, GOIÁS

2015

MANOEL MESSIAS DA SILVA
MARCOS ANTONIO FERREIRA

A EFICÁCIA DAS DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS E ANDRAGÓGICAS APLICADAS NO
ENSINO SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Especialização em Docência
Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como
requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis, 22 de Abril de 2015.

APROVADA EM: _____/_____/_____. NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Janaina T. Silva de Oliveira.

Orientadora

Professor Me. Halan Passos

Convidado

Prof.^a Esp. Aracelly R. Loures Rangel

Convidada

Dedicamos este trabalho a todos os mestres,
educadores, professores que ajudam a
construir o amanhã!

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Deus, porque somente Ele é capaz de gerar sonhos, e somente Ele pode nos capacitar para conquistá-los.

Agradecemos a nossa família.

A Instituição de ensino, que nos propiciou este momento de crescimento e aprendizado, moldado pelos professores, e lapidado por nossa orientadora do trabalho de conclusão.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

“Não considere nenhuma prática como imutável.
Mude e esteja disposto a mudar novamente. Não
aceite verdade eterna. Experimente” *Skinner*.

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão por meio do levantamento bibliográfico, sobre a eficácia das relações didáticas pedagógicas e andragógicas no âmbito de ensino-aprendizagem nas Instituições de Ensino Superior – (IES). A pesquisa procurou refletir sobre a eficácia dos métodos pedagógicos, especificados através da investigação dos conceitos andragógicos, como ensino de adultos, perfazendo uma análise das técnicas metodológicas pedagógicas e andragógicas, com o intuito de realizar um estudo mais aprofundado sobre o processo didático de ambos os conceitos, e a elaboração de projetos que priorizem a didática, até mesmo a elaboração de orientações para o planejamento das aulas no cotidiano do docente. A ampliação do conceito de pedagogia como problemática desta pesquisa, justifica-se pela importante expansão do significado da didática e prática docente, que não pode ser simplificada à transferência de senso comum e mecânica de teorias científicas, mas, de domínio e vivência de conteúdo, independentemente de sua faixa etária. No desenvolvimento da pesquisa, realizou-se uma análise a respeito das aplicações didáticas e metodológicas da pedagogia e andragogia, seguidas de um estudo voltado para o conceito de métodos de ensino pedagógicos e andragógicos, e a definição destes termos para a ciência da educação, finalizando assim, com os resultados sobre a eficácia dos métodos anteriormente apresentados, como todas as prováveis contribuições do presente estudo, para as IES.

Palavras-chave: Andragogia. Pedagogia. Educação de jovens e adultos. Ensino Superior.

ABSTRACT

This study proposes a reflection through the literature on the effectiveness of pedagogical and andragogical didactic relations in teaching and learning within the higher education institutions - (IES). The research sought to reflect on the effectiveness of teaching methods, specified by investigating andragogical concepts such as adult education, making an analysis of pedagogical and andragogical methodological techniques, in order to conduct further study on the teaching process both concepts, and the development of projects that prioritize the didactic, even the development of guidelines for the planning of lessons in everyday teaching. The expansion of the concept of teaching as a problem of this research is justified by the significant expansion of the meaning of teaching and teaching practice that can not be simplified to the common sense of transfer and mechanics of scientific theories, but domain and living content, regardless of their age group. In the research, there was an analysis regarding didactic and methodological applications of pedagogy and andragogy, followed by a study related to the concept of pedagogical and andragogical teaching methods, and the definition of these terms for science education, ending so, with the results on the effectiveness of the methods previously presented, as all the likely contributions of this study to the IES.

Keywords: Andragogy. Education. Adult Education. Higher Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Ciclo de consciência de si – Andragogia	23
FIGURA 2 – Mapa Conceitual 2. Andragogia.....	24
FIGURA 3 – Modelo Andragógico.....	26

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Distinção entre Pedagogia e Andragogia.....	22
QUADRO 2 – Processos Andragógicos.....	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. APLICAÇÕES DIDÁTICAS E METODOLÓGICAS DA PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA	15
3. CONCEITO DE MÉTODOS DE ENSINO PEDAGÓGICOS E ANDRAGÓGICOS	20
3.1 DEFINIÇÃO DE PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA PARA A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO	21
4. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DIDÁTICA PEDAGÓGICA E ANDRAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR.	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho bibliográfico apresenta um estudo sobre a eficácia das relações didáticas e metodológicas da Pedagogia e da Andragogia, no âmbito de ensino aprendizagem, a frente das diferentes faixas etárias de alunos que ingressam nas Instituições de Ensino Superior – (IES), dado que os estudos sobre o ensino e a aprendizagem estão formando novos horizontes no âmbito da ciência da educação, que engloba tanto a Pedagogia quanto a Andragogia e a arte de ensinar (Didática).

O estudo realizou-se por meio de algumas análises reflexivas sobre o processo de ensino-aprendizagem, a eficácia da didática e metodologia de ensino, e o conceito diferenciado da ciência pedagógica e andragógica, entendidos como métodos eficientes na relação professor – aluno nas IES.

A referência à educação superior faz com que seja uma continua construção do saber, em dois processos ligados entre si por esta construção, resumindo-se no ensinar e no aprender, que são objetos de valor para as IES, indicando, todavia, a uma reflexão sobre esses mesmos processos que começam na educação básica – ensino fundamental e médio. Estes processos na educação básica formam através do esforço contínuo do ato de pensar e do refletir em questionamentos, do aprendizado pelo aprendizado, do saber a ouvir, falar e estudar. Não sendo este o processo da educação universitária, a abordagem nas IES dificilmente estende-se ao mesmo tempo e qualitativamente para a formação pedagógica e andragógica dos universitários, embora que seja objetivo da universidade o desenvolvimento dos conhecimentos que constroem os processos mentais do aluno, da mesma forma que para a universidade também é primordial a transmissão do conhecimento e a construção do pensamento reflexivo que recai sobre a realidade socioeconômica do discente.

Nesta abordagem, e busca constante de conhecimento e aperfeiçoamento, que se encontram inseridas as IES, que trabalham com a responsabilidade de construir esse saber ou de aperfeiçoá-lo, de preparar o aluno para pensar e principalmente para ser crítico e criativo, e não mais o aprendizado pelo aprendizado. A escola conforme Cunha (1997), tem a função de construir o conhecimento, ensinar o acadêmico a estruturar seu pensamento, a ser questionador com sabedoria, ser criativo, tem a função de ensiná-lo a aprender com humildade, e reter o aprendido, sobretudo, prepará-lo para aprender a selecionar e interpretar

a informação que se produz, relacionando-a criticamente com outras fontes. Difere-se, todavia, da formação superior, em que um dos objetivos a serem alcançados é a capacidade de desenvolver um pensamento crítico que dê significado à informação, que seja capaz de analisá-la, sintetizando-a, planejando ações que propiciem a resolução de problemas, criando assim novas ideias embasadas em paradigmas próprios.

A pesquisa aqui apresentada objetiva refletir sobre a eficácia dos métodos aplicados no ensino superior, especificados através da investigação dos conceitos pedagógicos e andragógicos, demonstrando os fatores que os torna eficaz e a necessidade de sua aplicabilidade, analisando cada uma das técnicas metodológicas da pedagogia ou da andragogia, com o intuito de realizar um aprofundamento reflexivo sobre o processo didático pedagógico e andragógico, que poderão ser aditivos ao processo de ensino, desde a elaboração de projetos que priorizem os processos didáticos, até mesmo a elaboração de uma orientação eficaz para o planejamento das aulas no cotidiano do docente.

Encontra-se no conceito de pedagogia, como ciência do ensino de crianças, e na andragogia como a técnica de ensino de adultos, os princípios aplicados ao processo de transformação na aprendizagem e construção do conhecimento do adolescente e adultos no ensino superior, que inclusive, preservam as características positivas da pedagogia e as inovações do ensino aprendizagem na andragogia.

A ampliação em particular do conceito de pedagogia como problemática desta pesquisa, deve ser justificada pela importante expansão do significado da didática e da prática docente, que não podem se resumir a uma simplificada transferência de conhecimento e senso comum de teorias científicas, mas, de domínio e vivência de conteúdo. Surge, não obstante, a necessidade de ampliação do entendimento dos conceitos pedagógicos, mas estendidos a andragogia, uma vez que, tanto a pedagogia quanto a andragogia têm o aprendizado como objeto, no entanto, o que as diferencia são as metodologias (meios) e os desígnios (fins), que tem entre suas diferentes e por vezes simultâneas áreas de investigação, o discente, a docência e a própria didática de ensino utilizada para se alcançar o fim almejado do conhecimento.

Não obstante, a coleta de dados se deu basicamente através da consulta de artigos e ensaios publicados em periódicos, além de livros que versam sobre o ensino para crianças, adolescente e adultos. O estudo foi realizado por meio das reflexões sobre o ensino-aprendizagem no Ensino Superior e sua didática, metodologia e métodos de ensino, conceitos pedagógicos e andragógicos, como métodos eficazes no ensino aprendizagem nas IES.

Assim sendo, os métodos conforme Marconi e Lakatos (2000) são definidos como as etapas mais concretas da investigação empírica, que, pelo uso mais abrangente, acabaram atribuindo como métodos. Pressupondo assim, uma atitude concreta em relação a estes procedimentos e limitando-os ao domínio individual. Segundo Vergara (1998), este estudo pode ser classificado, como uma pesquisa bibliográfica, onde se procedeu a revisão da literatura acerca do conceito de pedagogia e andragogia, abordando as ideias de alguns pesquisadores da área da educação, oferecendo assim, uma contribuição para o desenvolvimento de programas que aperfeiçoem as metodologias no Ensino Superior.

Todas as reflexões feitas, a respeito desta eficácia surgirão como orientações para o desenvolvimento de programas e métodos que, aperfeiçoem a pedagogia nas IES, assim, como a aplicabilidade e desenvolvimento da necessária andragogia ao ensino de adolescentes e adultos. No desenvolvimento da presente pesquisa, seguiu-se uma divisão metodológica onde primeiramente será feita uma análise a respeito das aplicações didáticas e metodológicas da pedagogia e andragogia. Em seguida ambas as aplicações serão entrelaçadas, direcionando o estudo para o conceito de métodos de ensino pedagógicos e andragógicos, e a definição de pedagogia e andragogia para a ciência da educação.

Por fim, serão apresentadas reflexões sobre a prática didática pedagógica e andragógica no Ensino Superior, assim, como as prováveis contribuições do presente estudo.

2. APLICAÇÕES DIDÁTICAS E METODOLÓGICAS DA PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA.

Nas definições próprias do presente estudo, o termo “didática” tem sua origem do termo grego *didaktiké*, que traduzido entendemos como a arte do ensino. Segundo o escritor Gil (2007, p.12), com o aparecimento da obra de Jan Amos Comenius (1592- 1670), o uso do termo como arte de ensino independente a idade, passou a ser mais reconhecido, sendo utilizado em diversos meios como a Didática Magna, ou tratado da arte universal de ensinar tudo a todos, com publicação em 1657. Na Atualidade são inúmeras as definições para o termo “didática”, mas, quase todas apresentam como ciência, arte ou técnica de ensino. Situando-se no âmbito do ensinar, existe uma diferenciação nos termos didática e pedagogia, sendo a didática conhecida como a ciência e a arte do ensino, enquanto que a Pedagogia é reconhecida como a arte e a ciência da educação.

A didática é um ramo da ciência pedagógica que tem como objetivo o ensinar métodos e técnicas que possibilitam a aprendizagem do aluno por intermédio da mediação e transmissão de conhecimento por parte do professor ou instrutor. A partir então deste objetivo de ensino, os elementos da ação didática são classificados em cinco grupos distintos, o professor, o aluno, a disciplina ou conteúdo, o contexto da aprendizagem e as estratégias metodológicas.

Segundo Libâneo (1994) a didática estuda o processo de ensino no seu conjunto de teorias e práticas, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas planejados na aula, passam a relacionar-se entre si para criar uma condição satisfatória de aprendizagem e de conhecimentos que produzam sentido real e até prático para o aluno.

Sendo assim, o professor torna-se mediador do conteúdo transmitido, propondo atividades que conduzam o estudante para a condição de sujeito da própria aprendizagem no processo de desenvolvimento, assimilação e transmissão do conhecimento, sendo assim, o professor precisa estar atento aos aspectos subjetivos e cognitivos do aluno para desenvolver o aprendizado e torná-lo mais significativo.

Pode-se entender que, os métodos didáticos que levam a este aprendizado são capazes de despertar no estudante a capacidade de ter o raciocínio próprio, sendo interessante que o aluno seja capaz de explicar uma ideia com suas próprias palavras e consiga aplicar o conhecimento adquirido em diferentes ambientes. O próprio escritor Libâneo (2002) opõe-se ao método tradicional de ensino, que se perfaz mecanizado e repetitivo, em que apenas memoriza-se o que fala e transmite o professor. Conforme o mesmo autor, (...) a

aprendizagem duradoura é aquela pela qual há independência do conhecimento, onde os alunos aprendem a lidar de forma livre e arbitrária com os conhecimentos.

Um dos parâmetros que o autor cita como premissa da escola e do ensino hoje é:

A razão pedagógica, a razão didática, está associada à aprendizagem do pensar, isto é, a ajudar os alunos se constituírem como sujeitos pensantes, capazes de pensar e lidar com conceitos, para argumentar, resolver problemas, para se defrontarem com dilemas e problemas da vida prática. Democracia na escola hoje, justiça social na educação, chama-se qualidade cognitiva e operativa do ensino. (C.A., 2002, p. 9).

Libâneo (2002, p.13) propõe que as aulas sejam estimulantes ao aluno, para que o ato de raciocinar possa torna-lo formador de opinião, com a capacidade de refletir em suas próprias atitudes e sobre as ações que movem e estimulam o mundo, pois a escola independente de seu nível de instrução deve preparar o aluno orientando-o para o mundo adulto e suas contradições de forma democrática, deve despertá-lo para a crítica e o questionamento dos fatos e sua posição diante da sociedade.

Em concordância aos parâmetros de Libâneo, Cunha (1997), afirma que a formação do aluno no ensino superior, não deve cumprir-se em uma prática didática de ensino, em que a instituição e o professor tornam-se meros transmissores e copiadores de conhecimento, impondo o saber transmitido por meio de livros.

Esta atitude, também não pode ser vista como sendo uma imposição da instituição de ensino ao discente, como um único método do ensinar, onde não são aplicadas as metodologias conforme a faixa etária de seu público discente, e nem conforme a realidade deste público, não abstraindo o conhecimento já adquirido pelo discente de forma andragógica, sendo este, um dos focos primordiais e justificáveis desta pesquisa que procurará investigar a eficácia da didática aplicada ao ensino superior, que norteará a formação profissional do universitário até o mercado de trabalho.

Os programas de Graduação Superior, principalmente em IES pública, de maneira geral, tendem a priorizar em suas atividades a condução didática de pesquisas, tornando-se responsáveis, mesmo que não intencionalmente, por reproduzir a crença de que para ser professor basta ser conhecedor de determinado conteúdo e ter um apressado a pesquisa. Uma das opções feitas pelo professor neste nível de ensino é dada entre o ensino ministrado e a aprendizagem adquirida pelo aluno, em que todas as atividades dos professores são reproduções dos processos pelos quais já vivenciaram ao longo da sua formação acadêmica, e que no momento que ensinam, concentram-se em suas qualidades e habilidades apreendidas.

Alguns desses docentes percebem-se como especialistas em determinada área do conhecimento e cuidam para que o conteúdo, seja conhecido pelos discentes, deixando muita

das vezes, a experiência de vida e o fator etário dos alunos de lado, e estes alunos, por sua vez, recebem as informações, que são transmitidas em coletividade, demonstrando ainda, a receptividade e a assimilação correta, por meio de tarefas ou provas individuais aplicadas em sala de aula.

Entretanto, há docentes que veem os alunos como os protagonistas do processo de ensino aprendizagem. Verificam como estão suas aptidões, suas necessidades e interesses, para que possam buscar as melhores informações e auxiliá-los no desenvolvimento de suas habilidades, na modificação de atitudes, comportamentos e na busca de novos significados dos acontecimentos e dos fatos, visando à experiência de vida e social de cada um.

As atividades propostas por estes educadores estão centradas e direcionadas aos discentes, nos objetivos a serem alcançados em suas aptidões, capacidades, expectativas, interesses, possibilidades, oportunidades e condições para aprender, o ensinado e transmitido. Os educadores neste processo, atuam como facilitadores da aprendizagem, incentivando os discentes a expressarem suas próprias ideias, a investigarem com autonomia e a procurar as formas necessárias para o seu desenvolvimento individual, acadêmico e até mesmo social.

À medida que cresce o aparato nos processos de ensino e aprendizagem, o professor deixa de ensinar para poder ajudar e orientar ao aluno a aprender. Cunha (1997), nesse contexto, cita que a educação deixa de ser a arte de mera introdução de conhecimentos. Reformulando assim, as preocupações dos professores que começam a mudar para expressões como: “Quais as expectativas dos alunos”, “Em que medida determinado aprendizado poderá ser significativo para eles”, e “Quais as estratégias mais adequadas para facilitar seu aprendizado”.

Todavia, Neto (2013, p. 25) em seu artigo, “A eficácia da Didática no ensino superior”, afirma que a garantia de um aprendizado eficaz, que corresponda às expectativas, do aluno, com base em uma metodologia adequada, capaz de um conhecimento significativo, leva a fatores que entram em confronto, para que os alunos se capacitem e tentem compreender fatos e teorias ensinadas, sendo capazes assim, de desenvolver habilidades para resolução de problemas mais complexos no meio em que vive e convive.

Existem três pontos cruciais e individuais que influenciam no desenvolvimento das habilidades e a aprendizagem como um todo: o estudante, o professor e o curso. Esses pontos têm entre si algumas variáveis que apontam para o sujeito aluno, uma delas refere-se as suas aptidões, aos seus hábitos de estudo e a sua motivação particular. A outra variável faz referência aos professores, principalmente aos conhecimentos relativos a conteúdo, as

habilidades pedagógicas, a sua motivação e sua percepção a respeito da educação e da arte de ensinar. Por fim, as variáveis relacionadas ao curso são os objetivos e métodos propostos e os meios utilizados para melhor alcançá-los, sendo de suma e primaz importância a didática aplicada pela instituição, seja ela por vias pedagógicas ou por vias andragógicas. (C.A. 2002, p.20).

Assim sendo, compreende-se que a IES é uma cultura organizacional e o funcionamento dela é o fruto das relações estabelecidas entre seus membros, corpo docente, discente e administrativo, podendo assim, ser modificada pelas pessoas, podendo ser planejada, discutida e avaliada, num aspecto que corresponda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica, e dos membros envolvidos do corpo docente e principalmente dos interesses e objetivos do corpo discente. Todos esses fatores, conforme Libâneo (2002) são estabelecadores de um círculo de contribuição para a construção do projeto pedagógico institucional, sendo certo, que a instituição possui uma cultura própria, porém é também um lugar de mediação entre as diferentes culturas envolvidas.

As instituições de ensino superior são vistas como detentoras desta cultura própria, ensino e de conhecimento, precisam comprometer-se com a qualidade cognitiva das aprendizagens e ensino, precisam comprometer-se com a qualidade cognitiva das aprendizagens e, esta, por sua vez, está associada à aprendizagem do pensar. O escritor Libâneo (2000) afirma que, cabe a didática do ensinar e do aprender, investigar como deve orientar os alunos e se construírem-se sujeitos pensantes, com capacidade de pensar e ao mesmo tempo lidar com conceitos aprendidos, capazes de realizar argumentações, de resolver problemas e conflitos, para assim, se defrontarem com dilemas e problemas da vida prática.

Dentro deste desenvolvimento de capacidades, de problemas de vida prática e conflitos, a crítica ou queixa mais comum direcionada as IES, diz respeito a esta didática dos professores universitários, ou por vezes, à falha dela, onde o professor “conhece bem o que ensina o conteúdo, mas, não sabe repassar”, isto é, dominam bem a matéria, são especialistas, mas, deixam de utilizar a metodologia e as técnicas didáticas corretas que levam a verdadeira retenção do conhecimento e eficaz aprendizado.

Para Veiga (1997), o professor é um formador de outros formadores, capazes de produzirem ciência com inovação e criatividade, ocupando postura de sujeito do processo científico de formação e não de objeto desse processo, tendo habilidades de motivar o processo de formação, desenvolvido somente em ambientes que estejam presentes a crítica e a criatividade.

A relação de autoridade que existe entre quem forma e é formado, ancora não na distinção falsa, entre alguém que ensina e outro que aprende, mas, na competência superior do que detém o conhecimento formado e comprovado, visível do educador, frente a um aluno que está começando a vida acadêmica. Professor e aluno, em Veiga (1997), colocam-se diante de um mesmo desafio, embora em estágios diferentes, esvaindo-se dessa forma a diferença entre um e outro. Portanto, busca-se refletir sobre quais os mecanismos eficazes para uma prática docente alicerçada na pedagogia e por vezes na andragogia, no processo ensino aprendizagem de discentes de diferentes faixas etárias no ensino superior.

Doravante diante deste desafio, apresenta-se uma perspectiva na qual a situação de ensino-aprendizagem é realizada enquanto uma atividade compartilhada entre o professor e seus alunos, entre o docente e o discente, em que se constrói uma relação social efetiva atrelada ao saber, cuja aprendizagem seria facilitada com a utilização dos diversos recursos de ensino.

Pode-se assim dizer, que estes recursos de ensino, estão interpostos no processo didático que relaciona docente ao discente, constitui-se como um conjunto de atividades de ambos os protagonistas ou entre os discentes e os materiais didáticos, sob a direção do docente. Enfatiza-se também a importância da assimilação pelos discentes dos conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes, visando desenvolver competências e habilidades intelectuais propostas como objetivos a serem alcançados. A didática de acordo com Libâneo (1994) revela os objetivos, as condições e meios de realização do processo de ensino, ligando meios pedagógico-didáticos a objetivos sociais e individuais.

Para o alcance de uma eficaz didática de ensino-aprendizagem, existe um diferencial na aplicabilidade pedagógica entre crianças, adolescentes e o mundo adulto universitário. Modelos didáticos pedagógicos como o modelo andragógico é um sistema de suposições que, também, incluem suposições pedagógicas, podendo ser aplicado como ferramenta no ensino exclusivo dos adolescentes e adultos.

Para o aluno adulto em busca do conhecimento, o mais importante não é a experiência do professor na vida ou em determinada área. De acordo com a perspectiva andragógica, o aluno na fase adulta possui mais experiência que uma criança, e é isso que os diferencia, estas experiências são recursos para suas próprias aprendizagens, alcançando o conhecimento a que se deseja ter. Aquele que aprende exclusivamente de acordo com os métodos da pedagogia tira pouco proveito, pois, não pertence mais ao mundo infantil, sendo necessário porém um estudo aprofundado nos conceitos de métodos de ensino, tanto pedagógico quanto

andragógico, para que se possa elencar a eficácia de ambos os métodos e sua aplicabilidade nas IES.

3. CONCEITO DE MÉTODOS DE ENSINO PEDAGÓGICOS E ANDRAGÓGICOS

Para Libâneo (1994, p. 5) a palavra método, “significa o processo racional ou o caminho pelo qual se deseja atingir um dado fim”. Sendo assim, agir com um determinado método, supõe uma análise prévia dos objetivos que se pretende atingir, assim como as possíveis alternativas, os recursos, e o tempo disponível. Por tratar-se de uma ação baseada em procedimentos sistematizados e previamente conhecidos.

Partindo desta ideia, os métodos são determinados pela relação objetivo (conteúdo), sendo os meios para alcançar os objetivos gerais e específicos de ensino. Assim têm-se as características dos métodos de ensino: estão orientados para os objetivos, implicam numa sucessão planejada de ações e requerem a utilização de meios. O método não diz respeito a variados saberes transmitido, mas sim, ao modo de realizar a sua transmissão. Pode-se definir um método pedagógico como uma forma específica de organização dos conhecimentos, tendo em conta as características, os recursos e os objetivos de formação.

Caberá ao o professor em sala de aula, dirigir e estimular o processo de ensino-aprendizagem utilizando um conjunto de ações e procedimentos que chamamos de método. Porém agora, não se pode pensar em método apenas um conjunto de procedimentos, este é apenas um detalhe do método. Sendo assim, o método corresponde à sequência de atividades do professor e do aluno. Libâneo (1994) cita que, “é importante entender que, cada ramo do conhecimento desenvolve seus próprios métodos, observam-se então métodos matemáticos, sociológicos, pedagógicos, entre outros”.

Pedagogicamente, entende-se por métodos os diferentes modos de proporcionar uma dada aprendizagem e que foram sendo singularizadas pelos pedagogos em uma investigação científica.

3.1 DEFINIÇÃO DE PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA PARA A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO

O termo *Pedagogia* tem origem na Grécia, *paidós* (criança), *agein* (conduzir) e *logos* (ciência) e surgiu para se referir ao ensino de crianças, uma vez que o adulto antes do século XX não era tido como sujeito da aprendizagem. A pedagogia é a ciência que tem a educação como objeto de estudo, diz Libâneo (2000, p.3):

A Pedagogia, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão/assimilação de saberes e modos de ação. Ela visa o entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação.

Considerando a definição de Libâneo, que retrata a educação como objeto de estudo e os aportes técnico-profissionais, se deve compreender o ensino superior como oportunidade de desenvolvimento, formação e transformação do ser humano e da realidade educacional, requerendo ainda no mesmo objeto, a reflexão sobre a educação e sobre o processo de construção do conhecimento em alunos adolescentes e adultos, pois atualmente a educação não se estende apenas as crianças.

Ainda, conforme Cavalcanti e Gayo (1999) apud Nogueira (2009), “a educação, assim como a aprendizagem neste século, deverá se estender por toda a existência da pessoa, correspondendo à perspectiva da educação permanente, educação continuada e ou andragógica”.

A palavra *Andragogia* deriva das palavras gregas *andros* (homem), *Agein* (conduzir) e *logos* (ciência), referindo-se a filosofia, a ciência e à técnica da educação de adultos. Segundo Cavalcanti e Gayo, apud Nogueira (2009, p.92):

O Vocábulo “Andragogia” foi inicialmente utilizado por Alexander Kapp (1833), professor alemão, para descrever elementos da teoria de educação de Platão. Voltou a ser utilizado por Rosenstock (1921), para significar o conjunto de filosofias, métodos e professores especiais necessários à educação de adultos. Na década de 1970, o termo era comumente empregado na França (Pierre Furter), Iugoslávia (Susan Savecevic) e Holanda para designar a ciência da educação de adultos. O nome de Malcolm Knowles surgiu nos Estados Unidos da América, a partir de 1973, como um dos mais dedicados autores a estudar o assunto.

Pode-se afirmar que a pedagogia enquanto ensino para crianças tem características diversas da andragogia, pois a andragogia é definida como educação para adultos. Vejamos a principal diferenciação entre pedagogia e andragogia (Quadro 1) de Cavalcanti (1999).

Ambas têm como objeto de estudo a educação e o aprendizado, no entanto, o que as diferencia são as metodologias (meios) e os desígnios (fins).

Quadro 1 – Distinção entre Pedagogia e Andragogia

Característica da Aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Relação Professor/Aluno	Professor é o centro das ações, decide o que ensinar como ensinar e avalia a aprendizagem.	A aprendizagem adquire uma característica mais centrada no aprendente, na independência e na autogestão da aprendizagem.
Razões da Aprendizagem	Crianças (ou adultos) devem aprender o que a sociedade espera que saibam (seguindo um currículo a maioria das vezes padronizado).	Pessoas adultas aprendem o que realmente precisam saber (aprendizagem para a aplicação prática na vida diária).
Experiência do aluno	O ensino é didático, padronizado e a experiência do aluno tem pouco valor.	A experiência é rica fonte de aprendizagem, através da discussão e da solução de problemas em grupo.
Orientação da Aprendizagem	Aprendizagem por assunto ou matéria.	Aprendizagem baseada em problemas, exigindo ampla gama de conhecimentos para se chegar a solução.

Fonte: CAVALCANTI, 1999.

Logicamente, os adultos e as crianças são diferentes. Foi Jean Jacques Rousseau, o primeiro a perceber que as crianças não são adultas em miniatura. Ao longo da vida, o desenvolvimento psicológico que ocorre no ser humano, produz modificações progressivas e profundas, mais intensas na fase adolescente, mas nem por isso limitadas a essa idade, que transformam progressivamente o adolescente no adulto.

Pela perspectiva consciência da psicologia, Bach (1985, p. 31) afirma que, “os princípios compreensíveis das condutas humanas na fase adulta se concretizam na razão, liberdade e responsabilidade”. Em outro dizer, pela racionalidade, o homem tem a capacidade de conhecer o mundo e a si mesmo e de conhecer que conhece, é capaz de refazer uma reflexão sobre si mesmo, passando a ter consciência do existir. Com esta consciência, ele afirma-se e se identifica como pessoa, como indivíduo diferente e distinto dos demais, entende que é portador de deveres e direitos, e que pode criar a si próprio.

Com base na mesma consciência, Bach (1985, p 22), (Figura 1), “o adulto se percebe como livre, e autônomo e, assim, capaz de fazer questionamentos, formulações e escolhas, tomar decisões, direcionar suas ações para alcançar seus objetivos”.

Figura 1 – Ciclo de consciência de si – Andragogia



Fonte: CAVALCANTI, 2004-2005.

O ser humano ao longo de sua vida adquire experiências e essa faz toda diferença e deve ser considerada no processo de ensino aprendizagem. Todo conhecimento adquirido através da experiência precisa ser lido e usufruído e no método andragógico tanto docente como discente se apropriam de maneira vantajosa e oportuna de todo o contexto e histórico de vida, considerando erros, acertos e tudo o que esteja ligado a identidade do aluno. Considera-se que cada um reage de forma diferente em situações que sejam idênticas e isso não pode ser desprezado no processo de ensino aprendizagem (C.A. 2002, p 3).

O modelo pedagógico, concebido no objetivo de educar crianças, tem como indicador principal, conforme Cavalcanti (1999), a total responsabilidade do professor sobre o processo educacional de ensino aprendizagem. O personagem principal no modelo tradicional de ensino, aquele que tem total domínio do processo, o único responsável pela resposta é o professor. Ele decide com antecedência, faz e avalia o resultado e ao aluno cabe apenas a missão de submeter-se ao modelo pronto.

Na andragogia as características psicológicas do aluno adulto são relevantes, assim trata esse aluno como sujeito do processo, fundamentado na sua independência, responsabilidade, inteligência e principalmente sua motivação interna (Figura 2). Embora o educador, seja visto de forma geral como o principal elemento do processo de aprendizagem, Knowles (2009), diz que o educador não possui o domínio total dos fatores que estão relacionados aos estudantes, como suas necessidades, interesses e particularidades pessoais.

O educador não é o único a conduzir o processo, pois sua condição pedagógica é limitada, sendo assim para a andragogia ele é um mediador, um orientador de métodos que cria condições de aprendizagem e desenvolvimento do aluno sem desprezar as técnicas experienciais e no momento de avaliar deve adequar-se e considerar a relevância de cada conteúdo para vida prática do aluno, pois esses investem mais energia e disposição quando eles entendem que o conteúdo aplicado está consonante com suas motivações e poderá ser útil para prática imediata.

Figura 2 - Mapa Conceitual – Andragogia



Fonte: CAVALCANTI, 2004-2005.

Na andragogia, o processo de aprendizagem dos adultos busca utilidade em sua vida pessoal e profissional, esses precisam saber o fundamento de cada tarefa, de cada aprendizagem. Suas necessidades devem ser atendidas e toda informação ou grande parte

dessa, necessariamente tem que servir para aplicação em seu cotidiano, impera o interesse por tudo que se faz objetivo e prático para a resolução de problemas e melhor ainda se somar em sua qualidade de vida e em suas decisões (Quadro 2). (C.A 2004 – 2005, p. 40)

Enquanto na pedagogia o processo de aprendizagem é gradativo e a intenção a consequência e o êxito escolar são medidos quase que exclusivamente pelas notas.

Quadro 2 – Processos Andragógicos

Elemento do processo	Descrição
1. Preparar os aprendizes	Ensinar o aluno como aprender (necessário ser auto-dirigido para aprender em uma abordagem andragógica). Último elemento a ser incluído (em 1995)
2. Clima	Capacidade de transformar o ambiente de ensino agradável e informal; envolve o ambiente físico (cor, acessos, toaletes, cadeiras confortáveis, boa acústica, ventilação) e psicológico (objetivo claramente definido, abertura para questionamentos, feedbacks, tolerância aos erros, respeito às diferenças)
3. Planejamento	Planejamento de aula é mútuo, entre facilitador e aprendiz (o aluno se sente mais comprometido com a aprendizagem, porém não deve se deixar o aluno com total controle).
4. Diagnóstico das necessidades	Capacidade de identificar os pontos onde deve ser trabalhado junto com o aluno no processo de aprendizagem.
5. Definição dos objetivos	Mecanismo mútuo de estabelecimento dos comportamentos e conteúdos, baseados nas experiências dos aprendizes.
6. Desenho dos planos de aprendizagem	Atividade elaborada pelos aprendizes e facilitador, no qual buscam, pelas lacunas encontradas em seus conhecimentos, fazer uso dos métodos e ferramentas disponíveis em acordo com a prontidão dos alunos.
7. Atividade de aprendizagem	Técnicas experienciais que serão aplicadas no ensino (necessário treinar os facilitadores para saber como aplicar tais técnicas, que ajudem o aluno a entender como se encaixam os conhecimentos em sua rotina).
8. Avaliação	Coletas de dados mútuos de como os alunos se sentem após o processo de aprendizado e o que eles sentem que falta ou não tenha ficado tão claro. Devem ser incluídos pré-testes para avaliar ganhos específicos com relação a desempenho e relatórios de observadores com relação a mudanças notadas no aprendiz.

Fonte: Adaptado de Knowles, (2009) Apud NOGUEIRA, 2009.

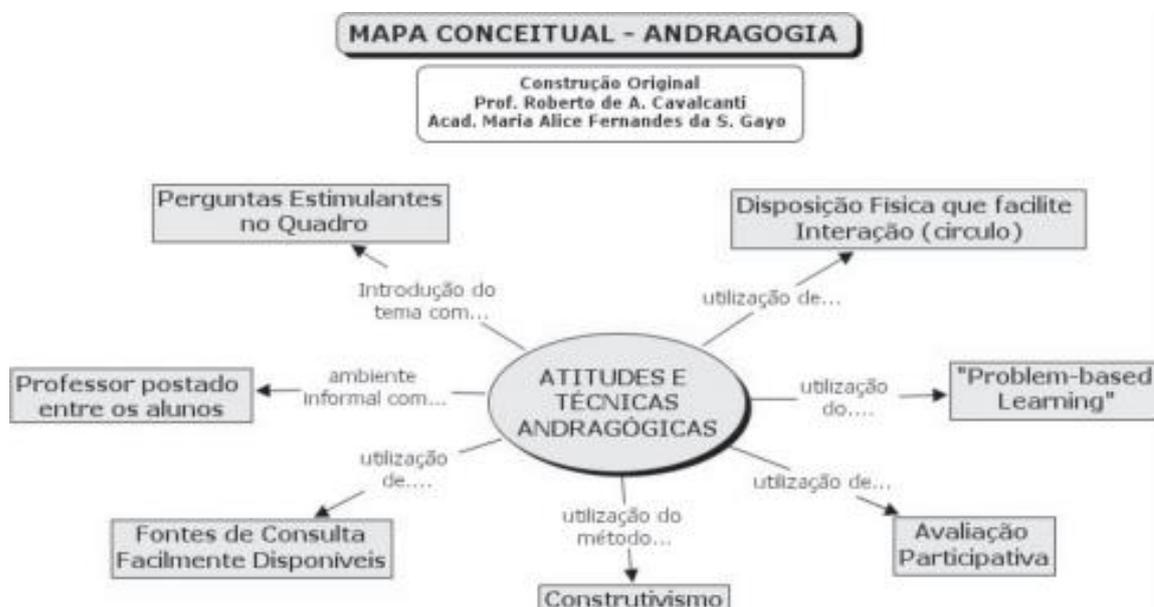
Malcon Knowles (1970) apud Gil (2008) conceitua andragogia como referente à arte e a ciência de orientar os adultos a aprender. O professor universitário precisa estabelecer

princípios que vão nortear a aplicação dos métodos andragógicos ainda que não tenha consenso na forma didática ressaltando todo o conjunto de elementos no qual esse aluno está inserido, valorizando sua referência filosófica, histórica e até psicológica. Sempre buscando entrelaçar questões teóricas às questões práticas, mesmo que seja complexo.

Em sua obra, Knowles (1970) apud Gil (2002), condensou os principais pressupostos da andragogia e apresentou um contraste com os pressupostos pedagógicos. Através deste contraste, o autor procurou salientar que a ideologia pedagógica é inadequada para aplicação com adultos e enfatizou que é essencial o melhoramento do modelo de ensino e transformando – o em inovador e com valores mais objetivos, frente a vida.

Segundo Gil (2002), ambos modelos podem ser utilizados com crianças e adultos, a oposição inicial que era estabelecida entre estes modelos se findou. Contudo, das duas perspectivas que Knowles (1970) apud Gil (2002) opera, não considera como realidade suprema e fundamental, mas que ambos possam ser utilizados em conformidade com a necessidade e que o modelo andragógico faculte e compreenda o modelo pedagógico. Acatando seus pressupostos alternativos sem desprezar seus efeitos de evolução (Figura 3).

Figura 3 – Modelo Andragógico



Fonte: CAVALCANTI, 2004-2005.

Tanto a pedagogia quanto a andragogia, tem a educação como objeto de estudo no ensino superior, e buscam melhores soluções reformas para o conhecimento institucionalizado em valor do ensino mais democrático. E a andragogia tem fatores relevantes para sua aprovação levando em conta as tendências educacionais, que inclusive vieram da pedagogia, é preciso conferir ao processo de ensino/aprendizagem a possibilidade de adaptação sem

interrupção e sem que prejudique o acadêmico, conscientizando seu papel de agente nesse processo, indivíduo formador e transformador da relações humanas ,que ao absorver o conhecimento ,precisa ter senso crítico para abstrair o que não se faz necessário e transformar o que internalizou para cumprir com sucesso sua atividade na sociedade.

Conforme, Cavalcanti e Gayo (1999), nesse sentido, “infere-se que a organização e a estrutura pedagógica clássica, ainda hoje utilizada em algumas universidades, tornando-se inadequada para a realidade do conhecimento humano atual”. Ademais, Cavalcanti e Gayo (2005), reconhece a educação como “processo de ativa indagação e não de passiva recepção de conteúdos transmitidos”.

Alunos que chegam à Universidade, em sua maioria, são adolescentes e adultos jovens, em ávida busca por suas identidades e pela realização de suas potencialidades. Ainda inseguros, esperando da Universidade o ensino “superior” prometido pelo ordenamento educacional vigente, se deparam com o mero continuísmo da educação fundamental e média. [...] Devem fazer silêncio, prestar atenção à “performance” dos professores e memorizar os conteúdos com o objetivo de responder perguntas nos testes de avaliação (Cavalcanti e Gayo, 2005, p. 52).

Cavalcanti e Gayo (1999) pondera que crianças nascem e crescem extremamente dependentes dos pais. Isso pode funcionar a princípio na idade escolar inicial, as crianças podem se submeter com facilidade tanto aos pais quanto aos professores, mas na adolescência se tornam rebeldes e não mais existe autoridade absoluta.

A idade adulta já os tornam independentes, esse indivíduo outrora dependente torna-se capaz de criticar situações; analisar experiências; podem aceitar ou não um modelo pronto de informação e concluir a utilidade desta para vida. Contudo, essa transição por vezes é ignorada pelos sistemas tradicionais de ensino superior. Em geral, conforme Cavalcanti (1999), as IES, tendem a ensinar jovens e adultos com as mesmas técnicas didáticas utilizadas no Ensino Médio. Portanto, conforme o mesmo autor, no campo extremo entre a pedagogia e a andragogia. Nesse sentido cabe ao professor criar condições para que o ensino aprendizagem seja inovador e considere a experiência e carga interna do aluno adulto equivalendo-se da pedagogia e da andragogia.

4. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DIDÁTICA PEDAGÓGICA E ANDRAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR.

A prática didática, certamente, como já mencionada anteriormente, necessita ser vivenciada pelos educadores e não somente investigada ou pesquisada como importante instrumento pedagógico da educação nos projetos políticos pedagógicos das instituições de ensino, em especial das IES. Desta forma, se compreende que a utilização da didática, assim como suas adequações ao meio, se direcionadas a produção do conhecimento e a aprendizagem, se tornam uma garantia da eficácia de uma educação de excelência (C.A 2002, p 5).

Com o advento das IES e de suas obrigatoriedades, há hoje ampla discussão acadêmica em relação ao surgimento da andragogia, que vem se apresentando como a área do conhecimento responsável pelo processo de ensino e aprendizagem dos adultos, em soma a pedagogia que discute as mesmas questões, porém voltando-se ao universo da criança. Gil (2008) refere-se à terminologia andragogia para referir-se a arte de orientar adultos a aprender, ainda que não se tenha um consenso na literatura, pois alguns preferem chamá-la de pedagogia de adultos ou, no caso do ensino superior, pedagogia universitária.

Numa perspectiva andragógica ou da pedagogia de adultos, conforme Gil (2008), a prática docente deve fundamentar-se em cinco princípios básicos, a saber: o conceito de sujeito que aprende, onde o adulto é responsável pela sua aprendizagem com plena capacidade de auto desenvolvimento; a necessidade de conhecer, faixa etária em que os adultos, sabem de sua necessidade de conhecimento e como colocá-lo em prática, sendo este o fator decisivo para seu comprometimento; a motivação para aprender, assim como as motivações externas como incremento salarial, promoções, boas notas são importantes, não obstante, as motivações internas, tais como vontade pessoais de crescimento, autoestima, autoconfiança que são mais relevantes e decisivas para o aprendizado do adulto; o próprio papel da experiência torna-se decisiva para a disposição para o aprendizado do adulto.

Ainda conforme Gil (2008), os recursos didáticos pedagógicos não são garantia para que se consiga despertar o interesse do aprendiz, antes devem ser considerados como fontes opcionais colocadas à livre disposição do aluno adulto; e por fim, a prontidão para aprender do estudante adulto que é uma prontidão pragmática, pois está pronto para aprender aquilo que decide, razão pela qual se nega a aprender o que lhe é imposto. Ademais, sua atenção

diminui quando não percebe aplicação imediata do conhecimento e está pronto para aprender o que decide aprender.

Diante do exposto, é oportuno relembrar as ideias de Freire (2007) ao apontar a relação de mão dupla, onde o professor, além de ensinar, também aprende no processo de ensino e aprendizagem. Assim, torna-se primordial a necessidade constante da reflexão docente no que diz respeito a sua arte de ensino, a fim de propor procedimentos pedagógicos para a formação de um aprendiz que respeite as especificidades dos adultos.

Esta relação apontada por Freire (2007) se constitui como elemento primaz a compreensão da utilização da didática como instrumento da prática docente, a seriedade na construção dos planos de aula, compromisso na interação com os discentes, a necessidade da formação contínua, da pesquisa em detrimento do ensino e da extensão, importantes práticas comuns na educação superior. Desta forma, percebe-se que um dos grandes desafios e, sobretudo, oportunidades para uma aprendizagem significativa é transformar a aula em um espaço coletivo e privilegiado que permita não mais a mera transmissão de informações, mas sim a construção de saberes e debates acerca de questões inerentes aos seus estudos e as suas vivências.

Todavia, não se pode deixar de abordar alguns fatores de extrema relevância no que se refere à necessidade da didática no processo da construção do conhecimento; o ato de avaliar no processo ensino e aprendizagem dos adultos, mensurando ao processo de ensino e de aprendizagem nas IES, onde por vezes o tradicionalismo ainda é uma constante neste universo de ensino. O autor Cavalcanti (1999), alerta que alguns acadêmicos não são exatamente adultos, mas estão bastante próximos a esta fase. E o ensino clássico pode resultar, para muitos, no atraso da maturidade. Muitos permanecerão dependentes, terão dificuldades para se adaptar às condições diferentes encontradas fora das universidades, e, por conseguinte, poderão estar despreparados para a realidade do mercado de trabalho.

Tais fatores que se tornam até históricos, são uma problemática para os educadores, que de certa forma têm dificuldades para implementar práticas que respondam os desafios da contemporaneidade. Contudo, é notória a insatisfação dos alunos ao se depararem com instrumentos de avaliação desatualizados e excessivamente conteudistas que os impedem de socializar suas construções acerca da disciplina estudada, assim como responder com seriedade questões da sua futura prática profissional.

Esta prática, Teixeira (2006), destaca que comumente o aluno de graduação é admitido ainda adolescente e finda este mesmo curso já como um profissional adulto, o que posta a

técnica exigida do professor universitário numa zona limite entre a pedagogia e a andragogia. Portanto, não se deve abolir totalmente os pressupostos tradicionais e nem os transformar em ferramentas de engessamento das metodologias e cursos.

Algumas características da pedagogia precisam ser mantidas e mescladas com algumas ferramentas da andragogia. A relação entre as ciências da andragogia e da pedagogia deve ser entendida como uma relação de completude e não de rompimento. O papel da andragogia no ensino superior e, por conseguinte, de forma geral, deve ser o de munir o professor de alternativas inteligentes e eficazes para a obtenção de melhores resultados, no ensino aprendizagem, mas sem renegar os princípios da pedagogia, que seguem a orientar a educação infantil.

Visando alavancar o processo de ensino e aprendizagem em adultos, Gil (2008) aponta algumas recomendações didáticas que podem ser implementadas com êxito nas IES; como a elaboração de um diagnóstico que apresente as necessidades e expectativas dos estudantes. Esta avaliação diagnóstica prévia visa adequar todo o planejamento de ensino aos anseios dos alunos, considerando-se que seus desejos e experiências são decisivas para o desencadeamento do processo cognitivo da aprendizagem; definir claramente com os alunos os objetivos e planejamento das atividades e seus respectivos contratos didáticos, podem ser feitos para que a aprendizagem seja orientada pela tarefa ou na resolução de problemas.

Deve-se lembrar que os adultos são pragmáticos no tocante à sua aprendizagem e desejam saber para onde estão sendo conduzidos; outra recomendação é selecionar conteúdos significativos para os estudantes. A Avaliação diagnóstica poderá fornecer valiosas pistas sobre os interesses dos alunos, assim pode-se utilizar tais *feedbacks* na busca de conteúdo adicionais que tenham relação direta ou indireta com as discussões conteudistas, e que sejam de interesse e relevância para o grupo.

O autor ainda recomenda que estabelecer um clima amigável, cooperativo e informal que propicie a aprendizagem significativa, uma vez que a utilização de técnicas de oratória são muito úteis para ajudar a captar e manter a atenção do aluno adulto que rapidamente se dispersa; Promover projetos de investigação científica em conjunto com os alunos, além de promover o aprendizado no âmbito da sala de aula, também ajudam a despertar o interesse pela pesquisa e incentivam a apresentação dos resultados conseguidos em eventos científicos da área, propiciando nos estudantes o desenvolvimento das competências essenciais do saber aprender.

Para Gil (2008), valorizar a discussão e solução dos problemas em grupo, acaba desenvolvendo muitas vezes, técnicas de ensino que foram elaboradas para serem utilizadas pelos docentes como ferramentas otimizadoras da dinâmica resultante dos grupos e vale a pena utilizá-las no dia-a-dia das aulas. Adicionalmente as discussões em grupo possibilitam o desenvolvimento e aprimoramento das competências relacionadas com o aprender a conviver, indispensáveis para todos os aspectos da vida em sociedade; Ainda, conforme o autor, fazer da avaliação uma prática constante visando obter o *feedback* quanto a eficácia do processo de ensino e aprendizagem, é colocar a avaliação como componente do ato pedagógico que deve ser realizada rotineiramente, e não tão somente nos períodos estabelecidos nos calendários acadêmicos; assim, o autor sugere a utilização de diversos instrumentos para a avaliação das aprendizagens dos alunos.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente nas IES, e deve acompanhar todos os processos de ensino e aprendizagem. Através da avaliação que vão sendo comparados os resultados obtidos pelo trabalho conjunto do professor-aluno, conforme as estratégias e objetivos propostos. A avaliação, conforme Gil (2008) insere-se não só nas funções didáticas, mas também na própria dinâmica e estrutura do processo de ensino e aprendizagem.

Certamente que a didática aplicada no ensino superior apresenta muitos desafios, especialmente quando se considera a qualificação do docente universitário nas questões pedagógicas ou andragógicas e a contribuição que as faculdades oferecem nesta área. Ademais, a eficácia e a qualidade do ensino-aprendizagem relacionadas com o estudante adulto, induzem a constantes reflexões sobre a didática enquanto arte de ensino e construção do saber, presentes nos métodos pedagógicos e andragógicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as informações, conceitos e análises levantadas dos documentos e fontes pesquisadas, infere-se que a eficácia das relações pedagógicas e andragógicas assim como a organização e as estruturas pedagógicas clássicas, ainda hoje utilizadas em algumas Universidades, e em muito nas IES públicas, são inadequadas para a faixa etária de seu público discente e para realidade do ensino, conhecimento e aprendizagem acadêmica atual. Sob esse prisma, considera-se que introduzir conceitos andragógicos nos currículos e abordagens didáticas dos cursos superiores, será adequado à fase de transição de faixa etária da maioria dos estudantes do ensino superior.

Contudo, não pode haver um abandono definitivo da metodologia clássica em sala de aula, sendo ainda preciso que o professor aponte o caminho mais apropriado ao aluno, mesmo adulto, necessita de orientação. Mas será de fundamental importância, incentivar trabalhos em equipe, bem como oportunizar momentos de desenvolvimento de ideias próprias e criação de métodos de estudos pessoais e individuais, para que sejam vivenciados na prática as relações andragógicas.

A perspectiva andragógica do ensino-aprendizado sugere adaptações dinâmicas para os jovens universitários. Sua contribuição é bastante eficaz e significativa para que se estenda a prática da educação permanente, sendo, portanto, peça de fundamental importância a ser incorporada à estrutura do ensino superior.

Durante a elaboração do trabalho proposto pode-se verificar, que, durante muito tempo prevaleceu no âmbito do ensino superior, a crença de que para se tornar um professor deste nível de ensino, seria, apenas necessário conhecer o conteúdo correspondente à disciplina a ser trabalhada. Nos dias atuais, essa afirmação torna-se defasada, uma vez em que há a necessidade de domínio do conteúdo a ser ministrado, mas, para que se tenha um resultado positivo, o professor necessita também, ter a relação didática para transmitir o conhecimento, surgindo desta forma para as universidades, também a necessidade de observarem em pontos cruciais, o momento da contratação do profissional com tais requisitos, para então, se ter um ensino com eficácia, qualidade e excelência.

Quando se evidencia a necessidade dos estudos didáticos dirigidos ao ensino superior, a sua aplicação e investigação aos problemas pedagógicos, isto, deve levar cada docente a uma

autocrítica e a tomar consciência de suas próprias responsabilidades, buscando a melhor forma de desempenhar suas funções e por sua vez, fazer experiências pedagógicas, utilizando diferentes métodos, que vise aperfeiçoar os diversos tipos de atividades, que, caracterizam as funções voltadas à sistematização e transmissão do conhecimento, sem deixar em segundo plano ou de lado as responsabilidades propriamente educativas.

Nesta perspectiva é de fundamental importância, que o docente busque uma metodologia de ensino que contemple os aspectos relacionados com a educação de adolescentes e adultos, considerando-se suas peculiaridades relacionadas com as maneiras como aprende. Assim, são relevantes para a prática didática os princípios da moderna Andragogia, pois fornecem direcionamentos para a condução de um processo de aprendizagem significativo para o adulto.

Certamente que os autores deste trabalho não tiveram a pretensão de esgotar a investigação do tema proposto a pretensão de encerrar esta investigação, pois no ensino superior a didática necessita ser reinventada, visando constantemente uma nova proposta das próprias práticas docentes. Sugere-se assim, estudos que envolvam a análise de técnicas de ensino que sejam condizentes com os processos de aprendizagem dos adultos, bem como a realização de pesquisas de campo que busquem verificar na prática a sua eficácia e excelência.

REFERÊNCIAS

- BACH, Marcos. **Consciência e Identidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- CAVALCANTI, R.A., Andragogia: A aprendizagem nos adultos. Rev. **De Clínica Cirúrgica da Paraíba**, n.6, Ano 4, Jul. 1999.
- CAVALCANTI, Roberto de Albuquerque; GAYO, Maria Alice Fernandes da Silva. Andragogia na educação universitária. **Revista Conceito**, nº 44. 2004-2005.
- CUNHA, Maria Isabel. Aula universitária: inovação e pesquisa. In: LEITE, Denise B.; MOROSINI, Marília. **Universidade Futurante: produção do ensino e inovação**. Campinas: Papyrus, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GIL, A.C. **A didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2008.
- Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Didática e a formação**. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 3. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2000.
- NETO, Julio Moreira dos Santos **A Eficácia da Didática do Ensino Superior**, Brasil Escola, São Paulo, 10 Dez, 2013 Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-eficacia-didatica-ensino-superior.htm> > Acesso em: 15 Jan 2015.
- NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes, **Aprendizagem do aluno adulto, implicações para a prática docente no Ensino Superior**. Curitiba: Ibpex, 2009.
- TEIXEIRA, Gilberto. **Andragogia: A aprendizagem nos adultos**. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=5>>. Acesso em: 01 nov. 2006.
- VEIGA, Ilma P. A. Metodologia do Ensino no contexto da Organização do Trabalho Pedagógico. In: LEITE, Denise B.C.; MOROSINI, Marília. **Universidade futurante: produção do ensino e inovação**. Campinas: Papyrus, 1997.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa**. 2 ed. São Paulo; Atlas, 1998.
- VICENTINI, José Plínio & SCOARIZE, Ricardo. **Andragogia: novas possibilidades no ensino da Administração**. Foz do Iguaçu: Enangrad – Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, 2003.
- Disponível em: [Andragogia_Novas_Possibilidades_no_Ensino_Da_Administracao.pdf](#). Acessado em 09 Out 2013.
- KNOWLES, Malcom S. **Aprendizagem de Resultados**. Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa. São Paulo: Elsevier, 2009.